



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

OS USOS E ABUSOS DO DOPOIMENTO E AS POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.

Autor (1): Sandeilson Beserra Nunes; Co-autor (2): Mirelly Maciel da Silva Co-autor (3):
Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno.

Autor (1): Universidade Estadual da Paraíba, Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. E-mail: sandeilson@hotmail.com.

Co-autor (2): Universidade Estadual da Paraíba, Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. E-mail: mirellymaciel95@hotmail.com.

Co-autor (3): Professor da Universidade Estadual da Paraíba, Coordenador do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, subprojeto História.

RESUMO: Nesse artigo analisamos a importância das possibilidades que o depoimento possibilita, trazer para o ensino de História. A princípio discutimos o tema de maneira geral e em seguida discutimos, especificamente, a utilização deste recurso como elemento de análise do período de Regime Militar (1964-1985).

Palavras-chave: Ensino de História, PIBID, Ditadura Militar.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

Trabalhar com o tema Ditadura Militar ainda é delicado principalmente quando esta se encontra próxima aos nossos olhos, ou melhor, quando o assunto é em nosso país. Desta forma, busca-se proporcionar aos alunos meios que façam com que estes se sintam mais próximos do fato ocorrido, criando mecanismos que potencializem o ensino de História.

Sobre o ensino de História, se torna necessário fazer algumas reflexões e pensar em conteúdo que causem efeitos na relação ensino/aprendizado. Ao definir este papel que o professor vai trilhar no decorrer de sua atividade, este estará criando formas para que o aluno abstraia conhecimento de forma participativa, ou seja, os questionamentos sobre o que é ensinar História e qual a importância desta disciplina cria identidades para que o aluno construa sua própria identidade, se tornando sujeito ativo do saber histórico. É por estas e outras que se busca compreender o que será ensinado, fornecendo ao discente, caminhos que exercitem a reflexão sobre o tema em questão.

Em contrapartida, neste exercício de reflexão de pensar qual o nosso papel nesta relação de ensino, precisamos compreender a nossa função nesse espaço e tema abordado. Nesta relação me aproprio dos conceitos de Paulo Freire (2004) em “ensinar é uma especificidade humana” onde o docente deve ter segurança quando aborda um respectivo tema, onde o aluno sinta-se seguro para se libertar e construir saberes que edifiquem o tema posto em questão.

(...) se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo/errado completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceitualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Neste modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação (BARCA, 2004, p. 133).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Logo, ensinar rompe com o pragmatismo, pois estamos ouvindo o aluno, estabelecendo uma relação de respeito entre professor e aluno. Desta forma, estamos facilitando o nosso trabalho capacitando nossa atividade docente canalizando os saberes de forma que possamos dar vários desdobramentos a respeito do tema abordado.

Assim, são múltiplas as visões acerca do ensino de História, pois elas propiciam diferentes argumentos, quando nós dialogamos com este ensino com recursos que não são didáticos, mas que ganham conotação didática quando entram no espaço escolar para potencializar as relações acerca do ensino de História. Podemos dizer até que os alunos são "donos do conhecimento", pois deixamos por si só que ele perceba como estes recursos transformam a aula de História.

Sendo assim, nosso objetivo é mostrar aos discentes como a Ditadura foi sendo construída e como essa marcou pessoas comuns através dos depoimentos. Prontamente, destacar que está temática tem sido desde alguns anos alvo do interesse dos professores de História da escola básica: seja porque é um tema que envolve afetivamente tanto a docentes quanto os alunos, seja porque o tema também mobiliza uma variedade de linguagens para além do livro didático, onde os depoimentos de pessoas que tiveram alguma vivência com situações na cena política como militante ou como apoiador do Regime. Entretanto, no ambiente da sala de aula, ainda há uma hegemonia, um privilégio dos "grandes eventos" e "grandes personagens" em detrimento de uma História mais local. Ao mesmo tempo, esta variedade de materiais produzidos sobre a temática Ditadura Militar, proporciona ao ensino-aprendizagem uma gama de novas possibilidades dentro da educação histórica. Assim, o tempo maior de sala de aula garantida no projeto de ressignificação traz uma possibilidade do trabalho dirigido também de formação pela memória e para a memória, uma vez que a nossa proposta deve ser explorar não somente os conteúdos ministrados no melhor estilo "grade curricular", mas também trazer a perspectiva pessoal, local e regional para a sala de aula, buscando assim mostrar certa proximidade da história.

Portanto, o depoimento como recurso audiovisual e didático, propicia diferentes linguagens e desdobramentos quando usado em parceria com o ensino de história. É nesta ótica que o PIBID se torna intermediador do conhecimento entre professor/aluno alavancando



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

as aulas de História, criando métodos que dinamizem e problematizem o conhecimento, emergindo a criticidade do aluno perante a temática expressada pelo professor.

METODOLOGIA

Trabalhar com depoimentos no ensino de História ainda é muito recente, por isso esta fonte necessita de cuidados para que o mesmo surta o efeito desejado. As atenções básicas são: qual o depoimento que irá ser passado, e como esses relatos podem ser usados como alvitre para discussão sobre a Ditadura Militar no Brasil. Logo, estes cuidados devem ser tomados para que os alunos não fiquem com o conhecimento vago sobre o tema, após a atividade, tendo em vista que são feitas reflexões constantes acerca daquilo que é exibido.

Ao pensarmos no depoimento como fonte histórica, devemos considerá-lo como um documento histórico, um fragmento do seu tempo, passível de ser explorado pelo historiador. De acordo com Circe Bittencourt (2009) o uso de documentos nas aulas de História justifica-se pelas contribuições que se pode oferecer pelo educando:

(...) uma delas é facilitar a compreensão do processo do conhecimento histórico pelo entendimento que os vestígios do passado se encontram em diferentes lugares e fazem parte da memória oficial e precisam ser preservados como patrimônio da sociedade. Outra exigência para o uso das fontes históricas é o cuidado para com as diferentes linguagens. Os documentos como foi anteriormente apresentado, são produzidos sem intenção didática e criados por diferentes linguagens que expressam formas diversas de comunicação. Como recursos didáticos, distinguem-se três tipos de documentos: escritos; materiais (objetos de arte ou do cotidiano, construções); visuais ou audiovisuais (imagens fixas ou em movimento, gráficas, musicais). (BITTENCOURT, 2009, p. 333).

Com o processo de reformulação da historiografia construído no bojo do século XX com os *Analles*, que romperá com a ideia de que o documento histórico era somente escrito e de cunho oficial. Todavia, o documento histórico se torna qualquer vestígio deixado pelo homem voluntaria ou involuntariamente, pois cabe a nós historiadores “dar vida” ao documento, a partir das perguntas que este faz ao documento, gerando assim um problema. Ou seja, “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 1996, p.545).

Mas como trabalhar com o documento em sala de aula? Para responder a essa questão, nos apropriamos dos conceitos de Schmidt e Cainelli que mostram como podemos desenvolver atividades com o documento. “Fontes históricas facilitam a familiarização com as formas de representação do passado e do presente habituando-o a associar conceitos históricos à análise que o origina e fortalecendo sua capacidade em raciocinar sobre a situação dada” os documentos não podem ser “tratados com um fim em si mesmo, cabe nesta proposta de ensino professores e alunos estabelecerem um diálogo entre o passado e o presente, tendo como referência o conteúdo a ser ensinado” (SCHMIDT; CAINELLI, 2010, p. 94).

Nesta perspectiva, não queremos transformar o aluno em historiador, mas motivá-lo para um conhecimento histórico que ultrapasse as visões positivistas do ensino. Nesta ótica, propiciamos e estimulamos as lembranças sobre o passado, fazendo com que os discentes deem saltos entre o passado e o presente, por intermédio do documento, estabelecendo com este um contato direto com a proposta exposta pelo professor suscitando uma discussão espontânea, deixando a aula mais agradável para ambos.

A presença de outros mediadores culturais, como os objetos da cultura, material, visual ou simbólica, que ancorados nos procedimentos de produção do conhecimento histórico possibilitarão a construção do conhecimento pelos alunos, tornando possível “imaginar”, reconstruir o não vivido diretamente, por meio de variadas fontes documentais. (SIMAN, 2004, p. 88).

Os depoimentos utilizados foram da novela *Amor e Revolução*.¹ São documentos que mexem com a memória/imaginação dos espectadores, fazendo com que estes, ao visualizarem as imagens, recorram a estas para lembrarem-se da História como algo verídico. Assim, “a imagem audiovisual produz o efeito de real, no qual não podemos confundir com a representação que se tem sobre uma época” (ROSSINI, 1999, p. 123). O real, como a autora registra, é inatingível na sua totalidade, mas pode-se chegar nele através das representações que se constroem pelos discursos. As imagens devem ser apreciadas cheias de situações e

¹ Ver a novela *Amor e Revolução*: telenovela brasileira produzida e exibida pelo SBT. Escrita por Tiago Santiago, com colaboração de Renata Dias Gomes e Miguel Paiva e com direção de Reynaldo Boury, Luiz Antônio Piá e Marcus Coqueiro e produção-executiva de Sérgio Madureira. É uma obra representativa na história da teledramaturgia do país por ser a primeira telenovela a ter a ditadura militar brasileira como parte central de seu enredo.



relações sociais, permitindo ligações com o mundo de hoje, sendo úteis para gerar debates em sala de aula.

Assim sendo, o depoimento como recorte didático de uma aula sobre Ditadura Militar é importante, pois articula representações produzidas por este criando sujeitos que interpretem o modo de pensar e de agir. De acordo com os conceitos de *representação* de Roger Chartier, os personagens e os cenários carregam representações de uma época, além disso, estamos diante de uma fonte histórica que produz representações acerca do discurso que nos faz compreender a realidade do período no qual o documentário se remete.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O propósito de levar este recurso para sala de aula varia de acordo com o entendimento de História do próprio professor, que tem no PIBID o suporte necessário para que esta atividade seja aplicada de forma organizada causando o feito desejado, logo o projeto será o mediador de forças para que haja dinamismo e interação aluno/professor.

É sabido e já citado neste artigo que a História Cultural e suas novas preocupações teóricas propiciam aumento das possibilidades de pesquisa que encontra na escola espaço fértil para divulgação da mesma, ou seja, os alunos em parceria com o PIBID conseguem enxergar um deslocamento local e factual da atividade, criando significados que se personificam em conhecimento que se mesclam com o empirismo do aluno potencializando o conhecimento do discente.

A força com que a tortura era exercida naquele tempo era monstruosa, muitas pessoas traumatizadas com a ditadura com o sofrimento que eles passaram durante esse tempo de tortura, a crueldade sofrida pelas pessoas nos deixa em choque é difícil acreditar que essa seja nossa história. (V. E. Estudante E.E.E.F.M. Mons. Emiliano de Cristo 3ª série do ensino Médio EPT). (Grifos nossos).

Os depoimentos arrojaram nossa metodologia, trazendo os alunos para dentro do acontecimento, fazendo com que se aflorem as sensibilidades necessárias para uma percepção mais homogênea da nossa história. Esta exibição tirou os alunos da zona de conforto e foi



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

desse ponto que os alunos fizeram pontes entre o passado e presente percebendo de forma mais próxima como a Ditadura Brasileira atuou. Observamos mais um relato de uma aluna:

A partir que mais me chamou atenção foi que naquela época era muito sofrimento as pessoas sofriam muito com isso era muita crueldade naquele tempo inclusive com cheques elétricos, afogamentos, tapas chutes e pontapés e várias outras coisas eles não tinham pena nenhuma e as pessoas não podiam fazer nada nem se defender e nem falar nada. (R. M. N. Estudante E.E.E.F.M. Mons. Emiliano de Cristo 3ª série do ensino Médio). (Grifos nossos).

Percebemos que o aluno compreende as relações entre micro e macro, começamos com depoimentos de pessoas que vivenciaram a ditadura e após tivemos várias elucidações, fazendo com que nós professores refletíssemos sobre como essa proposta pode produzir um saber tão cristalino e amplo acerca da temática em questão. Diante dos impactos que os depoimentos surtiram, foi possível perceber que a ditadura não é um objeto de estudo estático, mas de compreensível realidade.

Desse jeito, a fonte histórica, por hora utilizada, serviu para introjetar em sala de aula discussões que arrojasse o conhecimento histórico, tirando o marasmo dos alunos diante da disciplina de História. Ao longo do depoimento, surgem várias representações como já foram mencionadas dos sentimentos dos que viveram o período, a lembrança e as máculas e os traumas deixados pelos torturadores, conforme vai se compreendendo os registros da memória que estão explícitas no discurso e na imagem posta para o discente.

Essa explicação nos conduz ao encontro das ideias de Le Goff, que ratifica “a visão de um mesmo passado muda segundo a época em que o historiador está submetido ao tempo em que vive” percebendo que “o interesse do passado está em esclarecer o presente; o passado é atingido a partir do presente”. (LE GOFF, 1996, p. 13-14).

De acordo com a temática em questão, podemos dar ao aluno a oportunidade de ver e perceber como a história é dinâmica e ativa, instigando a curiosidade dele para um saber envolvido com a temática.

[...] É por essa razão que todo professor de história deve buscar sempre ser um caçador de curiosidades, um inventor de desafios relacionando o ontem ao agora, instigando o aluno a sentir-se parte fundamental da história. Um profissional sempre capaz de “ascender” nos alunos a motivação para saber, ferramentas essenciais de



seu interesse pela aula e de sua vontade de transformação. (SELBACH et al., 2010, p.30).

Assim, as aulas de História devem colocar os discentes em contato com diversas fontes, sejam elas primárias ou secundárias. As propostas aqui expressadas deverão propiciar conhecimento e vários desdobramentos dentro da aula-oficina, produzindo uma vastidão de documentos escritos pelos alunos imagéticos, pois essa atividade fica marcada no subconsciente do alunado. Os conceitos indicados e trabalhados aumentam o conhecimento dos alunos acerca das fontes históricas, fontes primárias, secundárias, memória, patrimônio imaterial e sentimento que resistem ao passado e se propagam no presente. Aproximar o alunado dos documentos é inserir estes em um debate onde sua posição de sujeito receptor se transforma em participante e construtor da História.

CONCLUSÕES

Ao usar esse recurso audiovisual nas aulas de História tendo como meio articulador o PIBID possibilitou a dinamização e o início de questionamentos, provocações e desafios, pois as cenas exibidas possuíam uma “verdade indigesta” que gerava inúmeras discussões por parte de alunos, bolsistas e professores. Logo, os alunos compreenderam a importância dessa fonte histórica para o ensino de História.

Assim sendo, o alunado após essa oficina, pode compreender que o depoimento traz em seu arcabouço diferentes representações do período estudado. Por consequência disso, eles se tornaram elementos capazes de compreender a sociedade reconhecendo o outro, fazendo assim uma ligação mais próxima entre passado e presente.

O aprendizado codificou de forma significativa a compreensão desse processo histórico debatido por nós tendo como pilar a época de Ditadura Militar. Consequentemente, alcançamos resultados que só se tornaram possíveis com as ligações feitas entre o que ficou no passado e o que permanece no mundo de hoje. Muitos destes significados são fundamentais para dar ao aluno um conhecimento das explicações possíveis enfrentadas no seu tempo, isto é, criar representações da sociedade e dos acontecimentos do passado e do presente, são fatores que devem estar presentes em qualquer utilização dos recursos didáticos.



Posteriormente, fatores que propiciam a aprendizagem significativa e um trabalho mais ágil que é obtido com o recurso audiovisual. Logo, este é um recurso muito próximo do alunado, pois estes recursos são absorvidos de forma versátil por eles, tendo em vista que vídeos e cenas são gravados, executados, editados e repassados com o auxílio de um computador ou *smartphone* com recursos de câmera e tecnologia *bluetooth*, sendo colocado de forma instantânea em *sites* específicos para este fim.

À guisa de conclusão, a aula-oficina atentou-se em promover a relação entre debates, os depoimentos e o ensino de história, criando uma metodologia que permitisse levar alguns desses elementos para sala de aula. O catedrático de História, ao utilizar cenas dessa natureza, possibilitará a estruturação de conceitos e ferramentas básicas para compreender, e se for o caso, criticar e transformar o mundo em que vive. Em seguida, o discente se torna membro fundamental no entendimento sobre as questões que divergem sobre a Ditadura Militar Brasileira, aprimorando seus conceitos, aguçando seus sentidos frente ao mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144. Disponível em

<http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/arquivos/File/semana%20pedagogica%202010/aula_oficina_Projeto_Avaliacao.pdf> Acesso em 07 de setembro de 2014.

BITTENCOURT, C. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1996.

ROSSINI, Miriam. As marcas da História no Cinema, as marcas do Cinema na História. In. **Revista Anos 90**. Número 12, dezembro de 1999. Porto Alegre. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6596/3917>> Acesso em 7 de setembro de 2014.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SELBALCH, Simone. **História e Didática**: Coleção Como Bem Ensinar. 1ª Ed. São Paulo: Vozes. 2010.

SIMAN, L. M. de C. O papel dos mediadores culturais e da ação mediadora do professor no processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos. In: ZARTH, P. A. (Org.). **Ensino de História e Educação**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ: 2004.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2010.